

ESTRATÉGIA EM PALAVRAS: ANÁLISE RETÓRICA DO “MOTIM” DE 58 A.C. COMO RETRATADO EM *DE BELLO GALlico*

Amanda Prima Borges¹

Resumo: Em 58 a.C., imediatamente no início da campanha de Júlio César pela conquista nas Gálias, o general precisou lidar com um contratempo: suas tropas, assustadas com os rumores que ouviram sobre a força e ferocidade dos germanos, recusaram-se a seguir caminho com ele, temendo ainda, uma emboscada por parte de Ariovisto. Esse artigo pretende analisar as passagens que retratam esse evento – os capítulos 39, 40 e 41 do livro I do *De Bello Gallico* –, buscando identificar alguns dos argumentos retóricos instrumentalizados por Júlio César em sua narrativa.

Palavras-chave: Retórica; *De Bello Gallico*; Júlio César; Exército Romano.

ESTRATÉGIA EM PALAVRAS: ANÁLISE RETÓRICA DO “MOTIM” DE 58 A.C. COMO RETRATADO EM *DE BELLO GALlico*

Abstract: In 58 BC, immediately at the beginning of Julius Caesar's campaign for the conquest of the Gauls, the general had to deal with a problem: his troops, frightened by the rumors they heard about the strength and ferocity of the Germans and also terrified at the perspective of an ambush by Ariovisto, refused to keep fighting alongside with their general. This article intends to analyze the passages that portray this event - chapters 39, 40 and 41 of book I of *De Bello Gallico* -, seeking to identify some of the rhetorical arguments instrumentalized by Júlio César in his narrative.

Keywords: Rhetoric; *De Bello Gallico*; Julio Cesar; Roman Army.

Introdução: o registro da guerra das Gálias

A Guerra das Gálias, iniciada no ano de 58 a.C., é um dos maiores legados deixados por César na História de Roma: ao final da campanha, em 52 a.C., César anexou o território gaulês aos domínios romanos, garantindo o controle de todo o atual território europeu a oeste do rio Reno. Foi uma das maiores empreitadas de conquista da República Romana e teve, além de tudo, o papel de marcar Júlio César, definitivamente, como uma das figuras políticas mais influentes e poderosas de Roma nas últimas décadas do primeiro século antes de Cristo. E é exatamente nesse ponto que é preciso se ater.

A República Romana estava em mergulhada em uma severa crise política. Desde a vitória sobre Cartago e do impulso expansionista sobre o mar Mediterrâneo, Roma havia conquistado uma boa parte do mundo conhecido. Isso, no entanto, gerou um afluxo de

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista CAPES. Projeto de pesquisa atual: Mecanismos de controle e atos de insubordinação das clientelas militares: uma análise cruzada das Guerras Civis da República Romana, sob orientação do Prof. Dr. Deivid Gaia. E-mail: amanda.p.borges@hotmail.com.

riquezas sem igual à cidade, que acabou concentrado nas mãos de muito poucos, intensificando a desigualdade social e potencializando conflitos internos. Isso também trouxe um aumento exponencial da competição aristocrática: Nathan Rosenstein defende que a falta de ameaças estrangeiras aliada à complexidade desses conflitos internos arruinou o equilíbrio político e militar das camadas dirigentes de Roma; o historiador afirma que havia, no seio da elite senatorial, uma cultura política de competição que sempre guiou os rumos das ações desses atores sociais, mas a proporção dos conflitos sociais interno – como a tão famosa revolta de Espártaco – exigiu generais que precisaram ficar cada vez mais tempo no comando de seus exércitos, acumulando poder e glória de forma nunca antes admitida ou vista pelo Senado (ROSENSTEIN, 1990, p. 1-54).

Assim, César estava no meio de um turbilhão de intensa competitividade, principalmente contra outros grandes nomes do comando militar. Em 58 a.C., apesar de já ter sido cônsul, César ainda não estava totalmente estabilizado no complexo cenário político da época, principalmente levando em conta as honras militares que Pompeu desde cedo acumulava, a atuação de Crasso no sufocamento da revolta de Espártaco, dentre outros. Por isso, não apenas a vitória na conquista das Gálias era importante, mas a percepção de seus pares aristocráticos sobre a mesma era essencialmente valiosa. Sendo assim, não causa espanto que Júlio César tenha escolhido produzir um discurso sobre a sua campanha. Esse se materializou na forma de um *commentarii*, o *De Bello Gallico*.

Commentarii é um gênero literário bastante específico na antiguidade romana, podendo ser escrito tanto por um autor quanto por uma coletividade de autores. De forma geral, são textos cuja função é preservar uma memória: do próprio autor, de registros públicos ou de um acontecimento qualquer. Por ser um gênero objetivo e geralmente bastante descritivo, são poucos os *commentarii* escritos com o objetivo de realçar a imagem pública do autor, mas esse é exatamente o caso de César (RIGGSBY, 2016, p. 146). Tendo em vista o caótico cenário político em que vivia e sua necessidade de se provar enquanto líder militar e político digno de nota, César recontou suas memórias sobre a Guerra das Gálias de forma a tentar aparentar imparcialidade: a própria escolha do gênero literário, combinada com a escrita em terceira pessoa, demonstra uma tentativa de comunicar que o autor estaria se afastando da narrativa. No entanto, a representação que o general faz de si mesmo na obra é produzida para satisfazer as expectativas dos seus pares e, por conseguinte, ganhar credibilidade em seu meio (RIGGSBY, 2016, p. 214).

Desse modo, como toda pessoa com uma mensagem a ser passada e uma audiência a ser persuadida, o discurso de César é regido por um regime retórico. Nesse artigo, pretende-se analisar algumas passagens do mesmo, especificamente os três parágrafos do livro I que fazem referência a uma dificuldade que César enfrentou no comando do seu exército. O objetivo é estudar de que forma o general representou essa dificuldade e que artifícios utilizou para relatá-la de modo a adequar-se às expectativas dos seus pares.

O “motim” e seus dois auditórios

A retórica não é a arte de falar mentiras e também não é a arte de dizer a verdade. Instrumento nascido no seio politizado da pólis grega, a retórica é a arte da persuasão, do discurso propositalmente organizado e estruturado para bem argumentar em favor de algo, contra e para alguém. Como coloca Chaim Perelman, uma argumentação é sempre e necessariamente situada, contextualizada entre o orador que transmite a mensagem e um auditório – tecnicamente, aqueles sobre quem se deseja exercer influência – que se permite ouvir. Contudo, uma questão é essencial: o convencimento do auditório, em um bom discurso, não se dá por uma relação de superioridade ou inferioridade de forças entre o orador e os receptores da mensagem, mas pela capacidade desse de garantir um reconhecimento intelectual daqueles (PERELMAN, 2005, p. 234-235). Desse modo, um discurso retórico requer um orador que 1) tenha uma mensagem a ser transmitida que demanda determinado grau de subjetividade a que se quer que a audiência adira; 2) conheça bem o seu auditório para determinar que artifícios podem ser melhor utilizados para fins de alcançar o entendimento desejado (PERELMAN, 2005, p. 237).

Nesse artigo, portanto, como já mencionado, será examinada a comunicação deixada por Júlio César referente a um evento que tomou lugar no decorrer da Guerra das Gálias, em 58 a.C, narrado especificamente entre os capítulos 39-41 do livro I. Nessas passagens, o general relata um contratempo ocorrido na região de Vesonção, onde havia montado acampamento com suas tropas para abastecerem suprimentos, principalmente víveres. Na ocasião, os soldados de César inquiriram o povo gaulês e os mercadores da região sobre os germanos, ouvindo, em resposta, descrições assustadoras, o que teria despertado tamanho terror no seio das legiões que as mesmas teriam se recusado a obedecer às ordens de César de seguir em marcha. A forma como César organiza sua argumentação no relato de um evento que poderia pintá-lo em uma luz desfavorável é essencial para a compreensão da imagem que o orador buscava forjar.

Segundo o próprio César, a informação que chegou às suas tropas era a de que os inimigos à frente do seu exército eram homens de estrutura corporal poderosa, de grandes habilidades com armas e, também, de olhos ferozes. É o próprio comandante que informa que o pânico que tomou as tropas foi tão intenso que afetou seriamente a inteligência de seus comandados, atingindo desde os soldados mais baixos até os oficiais; muitos, de acordo com ele, choravam, não conseguiam disfarçar o medo e, quando não quiseram ser acusados de serem covardes, inventaram desculpas diversas – como a densidade da floresta a ser atravessada, a possibilidade de corte no suprimento de trigo e de uma emboscada por parte de Ariovisto, líder do povo germano (Caes, *BG*; I, 39).

A partir desse momento, a narrativa de César passa para uma transcrição direta de uma alocução feita pelo general às suas tropas rebeldes que, imediatamente após ouvi-lo, aceitam, mesmo que envergonhados, prosseguir com sua missão – de fato, a maior parte das fontes sobre o ocorrido parece indicar que a questão foi de rápida resolução². Assim sendo, levando em consideração tanto as fontes literárias quanto a cronologia da Guerra das Gálias, talvez seja um exagero dar ao acontecido em 58 a.C. o rótulo de “motim”, quando aparentemente pôde ser resolvido no que parece ter sido um tempo muitíssimo curto. O caso para essa opção interpretativa ganha força quando comparado aos outros motins que César enfrentou: o motim de 47 a.C., por exemplo, iniciado em janeiro, levou meses para ser solucionado, e sofreu intervenções de, pelo menos, cinco legados diferentes antes que o próprio César, em novembro, conseguisse negociar com os soldados (CHRISSANTHOS, 2001, p. 72-74). Aqui, contudo, não se pretende entrar nesse debate específico – seja qual for o termo utilizado para retratar o evento, o ponto a ser destacado é que os homens de César, em um primeiro momento e inspirados por um grande pavor, desobedeceram às ordens de seu general.

Esse problema fica ainda mais complexo para César devido ao fato de que acontecera bem no meio da campanha de conquista das Gálias, na qual ele tentava se provar ao povo romano como um general capaz e um líder político digno de ser seguido. É muito pouco provável que a situação da “rebelião” realmente pudesse passar despercebida – ou César muito possivelmente teria deixado de mencioná-la, ao passo que não ter pleno controle de seus homens nunca era uma boa imagem a ser transmitida. Além disso, no próprio texto de César, podem-se encontrar evidências que o mesmo enviava frequentemente relatórios ao Senado para dar conta de suas operações e que, de uma

² Ver, por exemplo, Suet. *Caes*, LXIX e Dio Cass, XXXVIII, 35-47.

forma ou de outra, eles eram tornados públicos (Caes, *BG.* IV, 38; VII, 90). Isso indica, no mínimo, certo nível de monitoramento do Senado sobre as atividades guerreiras realizadas em nome de Roma – o suficiente para impelir César a registrar o ato de insubordinação das suas tropas, possivelmente buscando desenhar a sua própria versão do evento e fazê-la sobressair sobre possíveis boatos ou outro ponto de vista potencialmente prejudicial à imagem que o general esperava construir.

Com isso, deve-se salientar duas questões. A primeira é que a recusa de obediência dos soldados foi uma situação que, mesmo que interpretada por César à sua própria maneira e tendo em mente sua própria agenda, precisava ser resolvida pelo general a partir do convencimento e da persuasão. O segundo ponto é que, para além de persuadir seus homens, o futuro conquistador das Gálias precisava convencer seus próprios pares aristocráticos de que o lapso de controle sobre suas tropas havia sido resolvido de forma absolutamente eficaz. Assim, pode-se dizer que os parágrafos em análise nesse artigo têm dois auditórios: os soldados e os membros da elite político-administrativa de Roma.

Análise retórica: de bello gallico, i. 39-41

Com isso em mente, deve-se passar para a análise dos argumentos retóricos utilizados por César quando da composição dos parágrafos em questão (39-41). Por questões organizacionais desse texto e por respeito à sequência planejada pelo autor dos *commentarii*, iniciar-se-á pelo parágrafo 39:

Enquanto se demora poucos dias em Vesonção para abastecer-se de víveres, através das inquirições de nossos próprios homens e dos relatórios dos gauleses e mercadores, descobriu-se serem os germanos de grande estatura e de incrível valor e prática em armas, à ponto de não poderem sustentar em combate nem seu semblante ou a ferocidade de seu olhar; assim apoderou-se tal terror do exército, que perturbou a mente e espírito de todos em grande grau. Nasceu este, a princípio, nos tribunos dos soldados, depois nos pretores e outros, que acompanhando a Cesar por motivos de amizade, quando este partiu de Roma, não tinham grande prática na guerra. E alegando, alguns deles um motivo e outros outro, disseram que estes tornavam necessária a sua partida e pediram que, com seu consentimento, eles pudessem ser autorizados a se retirarem; alguns, influenciados pela vergonha, ficaram para trás para evitar a suspeita de covardia. Estes porém não podiam compor o rosto, nem por vezes reter as lágrimas: escondidos nas tendas, ou choravam sua má fortuna, ou deploravam com os amigos o perigo comum. Testamentos eram feitos universalmente por todo o campo. Pelas expressões e pela covardia desses homens, mesmos aqueles que possuíam grande experiência em campo de batalha, tanto soldados como centuriões e também aqueles (decuriões) que estavam no comando da cavalaria, foram gradualmente perturbados. Os que

queriam parecer menos alarmados diziam temer, não o inimigo, mas a estreiteza das estradas e a imensidão da floresta que se interpunham entre eles e Ariovisto ou mesmo a carência de provisões pela dificuldade dos transportes. Mas alguns declaravam a César que, quando ele desse as ordens para que o acampamento fosse movido e as tropas avançassem, os soldados não seriam obedientes ao seu comando, nem avançariam em consequência de seu medo (Caes. *BG.* I, 39. Trad. livre do inglês).³

Nesse trecho podem-se identificar dois argumentos retóricos. Um seria o argumento por ilustração. Com esse de tipo de colocação, o orador pretende transformar algo ligeiramente mais abstrato em alguma coisa mais palpável para o auditório, buscando não apenas indicar esse “algo”, como também explicá-lo, mostrar seu significado através de ilustrações vívidas, que causem impacto no ouvinte, tornando o ponto muito mais identificável e sensível para uma pessoa ou para o conjunto de ouvintes (MATEUS, 2018, p. 145). A primeira descrição dos germanos é um bom exemplo desse tipo de argumento: ao passo que César utiliza adjetivos e expressões comuns para descrever guerreiros, o uso dos advérbios de intensidade sinaliza que esses homens não eram nada ordinários; no entanto, ainda mais marcante do que isso, é a indicação de que os gauleses, quando os encontravam, não podiam “sustentar em combate nem seu semblante ou a ferocidade de seu olhar”. A ilustração do medo que os germanos inspiravam em todos fica absolutamente clara na ilustração do gaulês que sequer aguentava olhar nos olhos do seu inimigo. Imediatamente, é conjurada à mente do auditório a cena de um encontro no qual o gaulês desvia seus olhos da face de um germano já previamente descrito: muito alto, de grande valor, de grande perícia. A imagem de não suportar sequer sustentar o olhar transmite a imponência do adversário de forma muito mais eficaz do que a frase “o

³ While he is tarrying a few days at Vesontio, on account of corn and provisions; from the inquiries of our men and the reports of the Gauls and traders (who asserted that the Germans were men of huge stature, of incredible valor and practice in arms-that oftentimes they, on encountering them, could not bear even their countenance, and the fierceness of their eyes)-so great a panic on a sudden seized the whole army, as to discompose the minds and spirits of all in no slight degree. This first arose from the tribunes of the soldiers, the prefects and the rest, who, having followed Caesar from the city [Rome] from motives of friendship, had no great experience in military affairs. And alleging, some of them one reason, some another, which they said made it necessary for them to depart, they requested that by his consent they might be allowed to withdraw; some, influenced by shame, stayed behind in order that they might avoid the suspicion of cowardice. These could neither compose their countenance, nor even sometimes check their tears: but hidden in their tents, either bewailed their fate, or deplored with their comrades the general danger. Wills were sealed universally throughout the whole camp. By the expressions and cowardice of these men, even those who possessed great experience in the camp, both soldiers and centurions, and those [the decurions] who were in command of the cavalry, were gradually disconcerted. Such of them as wished to be considered less alarmed, said that they did not dread the enemy, but feared the narrowness of the roads and the vastness of the forests which lay between them and Ariovistus, or else that the supplies could not be brought up readily enough. Some even declared to Caesar, that when he gave orders for the camp to be moved and the troops to advance, the soldiers would not be obedient to the command, nor advance in consequence of their fear.

inimigo era imponente”: força o auditório a ver uma cena que represente o teor do medo inspirado pelos germanos.

Logo em seguida, César utiliza um argumento por inclusão. Nesses, é destacada uma correlação entre uma parte de um todo e o próprio todo, salientando-se uma relação de dependência entre esses elementos – um ponto qualquer, parte de algo maior, é trazido à tona para demonstrar como o conjunto guarda características semelhantes (MATEUS, 2018, p. 139). Assim, logo após ilustrar o terror provocado pelos seus inimigos, César lança-se em uma descrição de como este infectou suas tropas: segundo o general, a partir do primeiro momento da penetração dos rumores em suas fileiras, os tribunos, pretores e outros amigos que o haviam seguido, sem experiências de guerra, também ficaram impressionados com os germanos.

Sucessivamente a esse momento no discurso, César habilmente volta a um segundo argumento por ilustração, dessa vez para demonstrar o quanto esses homens ficaram afetados pelo que ouviram. O orador reporta quantidades copiosas de lágrimas pelo acampamento: os referidos membros do exército audivelmente choravam, maldiziam sua sorte e preparavam testamentos para a ocasião de sua morte. A descrição absolutamente teatral da cena converge com precisão o caos que tomou conta do exército, abrindo a oportunidade perfeita para a inclusão do segundo argumento por inclusão do parágrafo 39. Após ilustrar ao auditório o desespero de figuras estratégicas no esquema organizacional das tropas, César completa: foi dessa forma que todas as legiões sob seu comando – todas as, possivelmente, **sete** legiões⁴ – foram completamente tomadas pelo medo do inimigo, mesmo aqueles com experiência em batalhas e os oficiais de cavalaria. O parágrafo 39, portanto, abre essa seção do texto de César como uma forma de justificativa – uma explicação razoável. É uma tentativa de convencimento dos seus pares de que a desobediência de seus soldados foi quase inexorável: os inimigos eram imponentes, os boatos se espalharam pela camada mais fraca do exército e esta, por sua vez, quando corrompida, inevitavelmente fez com que o processo se repetisse para o restante do corpo. Terminado esse momento, César passa para uma segunda parte do seu texto, o parágrafo 40, no qual ele demonstra como lidou com a situação em mãos:

Quando César observou essas coisas, tendo convocado um conselho e convocado à comparecer a ele os centuriões de todas as companhias,

⁴ As XI, XII, XIII, XIV, XV e XVI legiões foram fundadas pelo próprio Júlio César no mesmo ano do início da Guerra das Gálias e, curiosamente, no mesmo ano do “motim”: em 58 a.C. Todas ainda estavam com ele quando do acontecido em Vesonção. Ver: DANDO-COLLINS, 2002, p. 270.

ele os repreendeu severamente, "particularmente, por supor que lhes cabia indagar ou conjecturar, seja em que direção estavam marchando, ou com que objetivo. Ariovisto, durante o consulado de César [59 aC], havia buscado ansiosamente a amizade do povo romano; por que haveria alguém de julgar que ele se afastaria tão precipitadamente de seu dever? Ele, por sua parte havia sido persuadido de que, quando suas exigências fossem conhecidas e a justiça dos termos considerados, ele não rejeitaria nem o seu favor nem o do povo romano. Mas mesmo que, movido pela raiva e pela loucura, ele levasse a guerra até eles, do que afinal eles estavam com medo? – por que eles deveriam se desesperar desprezando seu próprio valor e o zelo de César? (Caes. *BG.* I, 40, 1-4. Trad. livre do inglês).⁵

Nesse pequeno trecho, já se pode identificar o direcionamento também para a segunda metade do seu auditório – os soldados. Não é muito provável que, apesar do discurso direto, essas sejam as palavras exatas utilizadas pelo orador, mas é bastante plausível que César, de fato, tenha deixado registrado, mesmo que de forma mais adornada, a técnica de convencimento cuja eficácia permitiu que ele ganhasse de volta o exército que o permitiu sair vitorioso de sua campanha, visto que, como já foi mencionado, os *commentarii* tinham, também, a função de registrar memórias.

Dessa forma, César inicia o parágrafo 40 relatando que convocou um conselho militar e que repreendeu os insubordinados de forma rígida. A partir desse ponto, ele inicia seu discurso com um argumento por incompatibilidade. Esse tipo de raciocínio visa demonstrar que uma ação ou tese está em desconformidade com outra ação ou tese elaborada ou esperada de alguém. É um artifício cuja função é provocar no auditório uma sensação de desconforto em apoiar a ação ou tese de alguém, visto que há uma disparidade e uma incoerência inerente a elas, fazendo, assim, com que essa pessoa seja descreditada (MATEUS, 2018, p. 137). Não é tão difícil compreender a escolha de César: para seus pares, César precisava deixar claro que a escolha dos soldados em se rebelar não guardava nenhum grau lógico e, para seus próprios homens, César deveria demonstrar que suas ações eram impensadas e incompatíveis com a situação em que estavam.

Por isso, César busca deixar clara a contradição dos atos dos soldados: não havia sido o próprio Ariovisto que pedira pela amizade romana? Por que esse homem haveria

⁵ When Caesar observed these things, having called a council, and summoned to it the centurions of all the companies, he severely reprimanded them, "particularly, for supposing that it belonged to them to inquire or conjecture, either in what direction they were marching, or with what object. That Ariovistus, during his [Caesar's] consulship [59 B.C.], had most anxiously sought after the friendship of the Roman people; why should any one judge that he would so rashly depart from his duty? He for his part was persuaded, that, when his demands were known and the fairness of the terms considered, he would reject neither his nor the Roman people's favor. But even if, driven on by rage and madness, he should make war upon them, what after all were they afraid of?-or why should they despair either of their own valor or of his zeal?

de tornar-se inimigo tão de repente? E, caso ele se tornasse, o que haveria de temer os soldados? Não confiavam no próprio valor e no de seu general? De arremate, César ainda completa: classifica Ariovisto como um homem que, com certeza, estaria tomado pela raiva e pela loucura caso decidisse voltar suas armas contra Roma – e, sabe-se: homens tomados pelos seus sentimentos são imprudentes e insensatos, nunca vencedores.

Logo em seguida, como um reforço e complemento ao argumento por incompatibilidade, o orador enumera uma lista de conquistas romanas sobre os germanos:

Em tempo de nossos pais este inimigo já fora experimentado, quando, com não menor glória do exército que do general, Caio Mario derrotara os Cimbros e Teutões; e ainda há pouco o fora na Itália, na guerra dos escravos, já então auxiliados com alguma tática militar de nós aprendida — Daí se podia conhecer quanto valia a coragem, pois aos que algumas vezes vocês temeram desarmados, os venceram depois de armados e vitoriosos. Em suma, esses eram os mesmos homens que os helvécios, em encontros frequentes, não apenas em seus próprios territórios, mas também nos deles [os germanos], geralmente venceram, mas ainda assim não puderam ser páreo para nosso exército. Se a batalha malsucedida e a fuga dos gauleses perturbam alguém, estes, se fizessem perguntas, poderiam descobrir que, quando os gauleses se cansaram pela longa duração da guerra, Ariovisto, que depois de muitos meses se manteve em seu acampamento e nos pântanos, não tendo lhes dado oportunidade para um combate, caiu de repente sobre eles, a esta altura desanimados pela espera e espalhado em todas as direções. Foi vitorioso mais por estratégia do que valor. Mas embora houvesse espaço para tal estratégia contra homens selvagens e não qualificados, nem mesmo o próprio [Ariovisto] esperava que assim nossos exércitos pudessem cair nessa armadilha (Caes. *BG.* I, 40, 5-9. Trad. livre do inglês).⁶

Como se pôde observar, César recupera nomes – como o próprio parente de César, Caio Mário – e eventos famosos da tradição romana cujos encontros com os germanos só poderiam demonstrar a superioridade do exército de Roma. Aqui, faz-se uso do

⁶ Of that enemy a trial had been made within our fathers' recollection, when, on the defeat of the Cimbri and Teutones by Caius Marius, the army was regarded as having deserved no less praise than their commander himself. It had been made lately, too, in Italy, during the rebellion of the slaves, whom, however, the experience and training which they had received from us, assisted in some respect. From which a judgment might be formed of the advantages which resolution carries with it inasmuch as those whom for some time they had groundlessly dreaded when unarmed, they had afterward vanquished, when well armed and flushed with success. In short, that these were the same men whom the Helvetii, in frequent encounters, not only in their own territories, but also in theirs [the German], have generally vanquished, and yet can not have been a match for our army. If the unsuccessful battle and flight of the Gauls disquieted any, these, if they made inquiries, might discover that, when the Gauls had been tired out by the long duration of the war, Ariovistus, after he had many months kept himself in his camp and in the marshes, and had given no opportunity for an engagement, fell suddenly upon them, by this time despairing of a battle and scattered in all directions, and was victorious more through stratagem and cunning than valor. But though there had been room for such stratagem against savage and unskilled men, not even [Ariovistus] himself expected that thereby our armies could be entrapped.

argumento por exemplo. Nesse caso, o objetivo é construir uma regra geral em cima de um caso particular – um exemplo que ilustre a forma que situações semelhantes a ele irão sempre tomar (MATEUS, 2018, p. 144). Mais de um caso, evidentemente, traz mais força à solidificação dessa regra na consciência do auditório. Por isso, argumentar através do exemplo, nesse caso, é o mesmo que abrir uma “porta de esperança”: se nas ocasiões citadas pelo orador os romanos foram capazes de vencer os germanos, a situação presente não poderia se desenrolar de forma diferente – é incompatível e incoerente com a regra geral, com o comportamento e desenrolar esperado, imaginar qualquer coisa diferente.

Ainda, no final, o general descreve um momento de vitória germana contra os gauleses obtida somente porque os germanos aguardaram por meses o momento perfeito para o ataque: quando os gauleses estavam exauridos. Conta César que não foi dado aos derrotados nenhum aviso ou possibilidade de recuperação, deixando-os em completa desordem – o que, e esse é o ponto que César quer enfatizar, jamais poderia acontecer com ele e suas tropas, visto que estratégias como esse não funcionariam em homens menos “selvagens”. Com essa afirmação, ainda consegue exemplificar o fato de os gauleses serem apenas bárbaros em comparação aos romanos, derrotados por uma artimanha simples de guerra, o que não deixa de descreditar sua visão dos germanos como grandes guerreiros – esta que, aliás, foi a origem do boato que levou à insubordinação. Cada vez mais profundamente, César demonstra para seus soldados o absurdo da situação que está sendo vivida ao mesmo tempo em que consegue articular, para os seus iguais, seu discurso de forma a culpar exatamente esse absurdo – a falta de lógica, o medo irracional – pela desobediência de sete legiões completas. A culpa vai sendo retirada do próprio general ao passo que o mesmo desenha como resolveu o problema do “motim”.

A estratégia ao longo do restante do parágrafo permanece a mesma:

Aqueles que atribuíram seu medo a uma mentira sobre a [deficiência] de suprimentos e a estreiteza das estradas, agiram presunçosamente, pois pareciam desconfiar do cumprimento do dever pelo general ou dar ordens a ele. Essas coisas eram somente da sua conta, mas os Sequani, os Leuci e os Lingones deveriam fornecer o trigo ao exército e este já estava maduro nos campos. Quanto à estrada, eles logo seriam capazes de julgar por si mesmos. Quanto ao fato de ter sido relatado que os soldados não obedeceriam ao comando, ou avançariam, ele não se perturbou de forma alguma; pois ele sabia que, em todos os casos daqueles cujos exércitos que não haviam obedecido ao comando, a fortuna os havia abandonado ou que, após a descoberta de algum crime, a cobiça havia sido claramente provada [contra eles]. Mas sua vida inteira era testemunho de sua integridade e, de sua boa sorte, a sua guerra com os helvécios. Assim, o que César havia de fazer daí a dias, ia fazê-lo já, que era levantar acampamento na noite seguinte, na quarta

vigília, para que ele pudesse verificar, o mais rápido possível, se seria o senso de honra e dever ou o medo que teria mais influência sobre eles. Se ninguém mais o seguisse, ele iria apenas com a décima legião, da qual nunca duvidava, e esta serviria como sua coorte pretoriana. Esta legião César já favorecera grandemente, e nela, por conta de seu valor, colocou a maior confiança (Caes. *BG.* I, 40, 10-15. Trad. livre do inglês).⁷

Pode-se observar que César, mais uma vez, recorre a um argumento por incompatibilidade: dessa vez buscando invalidar o medo de ficarem sem suprimentos de seus homens. O general descreve todos os preparativos que fez, como líder das tropas, para garantir seu abastecimento e diz que suas vitórias são provas de sua boa fortuna: como poderiam os soldados ainda terem receio de que algo ruim fosse lhes acontecer e como, na verdade, atreviam-se a intrometer-se nos assuntos referentes ao comando das tropas se essa função não lhes competia, além de estar sendo bem desempenhada? Outra vez, César busca jogar uma forte luz na incongruência de toda a situação, em uma tentativa de desmoralizar o medo dos soldados.

Em acréscimo a isso, no final do parágrafo, o orador vai utilizar, novamente, um argumento por exemplo. César tinha sete legiões em rebelião, mas a X sempre foi sua favorita. Assim, ele garante que, se preciso, marcharia somente com a mesma. O general menciona que essa foi uma legião muito favorecida por ele, tendo em vista seu grande valor: abre-se, assim, outra “porta de esperança”, outro caso particular que, em situação semelhante – qual seja: a demonstração do valor das outras legiões –, poderia tornar-se a regra. A partir da instrumentalização da X legião como exemplo, o parágrafo seguinte retorna ao argumento por inclusão, quando César relata o efeito surtido por suas palavras:

Ao proferir esse discurso, as mentes de todos foram mudadas de maneira surpreendente, e o mais alto ardor e ânsia de prosseguir na guerra foram gerados; e a décima legião foi a primeira a retornar, graças

⁷ That those who ascribed their fear to a pretense about the [deficiency of] supplies and the narrowness of the roads, acted presumptuously, as they seemed either to distrust their general's discharge of his duty, or to dictate to him. That these things were his concern; that the Sequani, the Leuci, and the Lingones were to furnish the corn; and that it was already ripe in the fields; that as to the road they would soon be able to judge for themselves. As to its being reported that the soldiers would not be obedient to command, or advance, he was not at all disturbed at that; for he knew, that in the case of all those whose army had not been obedient to command, either upon some mismanagement of an affair, fortune had deserted them, or, that upon some crime being discovered, covetousness had been clearly proved [against them]. His integrity had been seen throughout his whole life, his good fortune in the war with the Helvetii. That he would therefore instantly set about what he had intended to put off till a more distant day, and would break up his camp the next night, in the fourth watch, that he might ascertain, as soon as possible, whether a sense of honor and duty, or whether fear had more influence with them. But that, if no one else should follow, yet he would go with only the tenth legion, of which he had no misgivings, and it should be his praetorian cohort." This legion Caesar had both greatly favored, and in it, on account of its valor, placed the greatest confidence.

a ele, por meio de seus tribunos militares, por ter expressado a opinião mais favorável deles; e assegurou-lhe que estavam prontos para prosseguir com a guerra. Então, as outras legiões empenharam-se, primeiramente por meio de seus tribunos militares e dos centuriões das principais companhias, a desculpar-se com César, [dizendo] que nunca haviam duvidado ou temido, ou suposto que a determinação da condução da guerra era deles e não do general. Tendo aceitado sua desculpa, e tendo a estrada cuidadosamente reconhecida por Divitiacus, porque nele, entre todos os outros, ele tinha a maior fé, [ele descobriu] que por uma rota tortuosa de mais de cinquenta milhas ele poderia liderar seu exército por áreas abertas; ele então partiu na quarta vigília, como ele havia dito que faria. No sétimo dia, como não interrompeu sua marcha, foi informado por batedores que as forças de Ariovisto estavam a apenas vinte e seis quilômetros de distância das nossas (Caes, *BG*. I, 41. Trad. livre do inglês).⁸

Segundo o orador, a X legião foi a primeira a deixar de hesitar em obedecer a suas ordens – exatamente, de acordo com ele, porque havia expressado uma opinião tão favorável a ela. César conta que a legião se mostrou prontamente disposta a prosseguir com a guerra e assim, como essa parte do todo visivelmente alterou seus ânimos, a tropa como coletividade e identidade respondeu a isso, mudando de opinião e indo desculpar-se com seu comandante. Além disso, César relata que essa foi uma mudança viabilizada pelos tribunos e centuriões das legiões que ouviam o discurso – esses são os mesmos que, inicialmente, causaram o clima de rebeldia, o que é particularmente digno de nota.

Considerações finais

O sucesso político de César pós-Guerra das Gálias já é testemunho suficiente que o orador foi bem sucedido em termos de moldar sua reputação. É evidente que ele tinha inimigos políticos e que nem todos os componentes da elite administrativa romana o tinham na mais alta conta, mas parece certo que o general marcou definitivamente sua entrada no seleto grupo de personalidades políticas da época da qual não se podia escapar.

⁸ Upon the delivery of this speech, the minds of all were changed in a surprising manner, and the highest ardor and eagerness for prosecuting the war were engendered; and the tenth legion was the first to return thanks to him, through their military tribunes, for his having expressed this most favorable opinion of them; and assured him that they were quite ready to prosecute the war. Then, the other legions endeavored, through their military tribunes and the centurions of the principal companies, to excuse themselves to Caesar, [saying] that they had never either doubted or feared, or supposed that the determination of the conduct of the war was theirs and not their general's. Having accepted their excuse, and having had the road carefully reconnoitered by Divitiacus, because in him of all others he had the greatest faith [he found] that by a circuitous route of more than fifty miles he might lead his army through open parts; he then set out in the fourth watch, as he had said [he would]. On the seventh day, as he did not discontinue his march, he was informed by scouts that the forces of Ariovistus were only four and twenty miles distant from ours.

Seu relato sobre ato de desobediência de suas tropas é um grande testemunho de um trabalho retórico bem elaborado, fruto de um profundo conhecimento de seu auditório e de técnicas argumentativas. Todo evento narrado, se bem observado, parece ter uma natureza quase circular: não apenas César retratou que conseguiu garantir que os causadores do tumulto funcionassem como vias da resolução da questão, como o próprio texto fecha da forma que foi aberto: se o argumento de inclusão – e, por associação, o funcionamento como unidade das tropas – explica como o medo se infiltrou nas fileiras, é também ele que explica como César pôde livrar-se do mesmo.

O conhecimento de como as legiões funcionam em unidade parece ter sido tanto a chave argumentativa para lidar com um auditório quanto com o outro. Infelizmente, não há um largo número de trabalhos sobre essa comunidade de soldados. O artigo de Ramsay McMuller ainda é uma das maiores referências sobre o funcionamento interno de uma legião romana – não em termos de suas subdivisões táticas, mas sim no que concerne à interação entre os soldados sob um ponto de vista sociológico. Esse autor avalia:

Desde a primeira promoção até a dispensa, e dos escalões mais baixos para os mais altos na aposentadoria, os homens, muitos ou a maioria deles, deram as mãos em uma fraternidade que não foi dissolvida mesmo após a morte. Durante o serviço ativo eles se chamavam pelo termo amigável 'companheiro de tenda' ("contubernales"), como em uma carta que um deles recebe de um companheiro distante (mas o texto é fragmentário): "cumprimente...e Elpis, Ju... todos os 'contubernales'". Eles jantavam como "contubernales" em espaços comuns, marchavam para seus postos como um grupo e, como tal, preparavam-se para a batalha e lutavam. Expandido, o termo 'contubernalis' passa a significar não apenas os oito homens comuns de um bloco de tenda, mas qualquer grupo ao qual uma pessoa foi designada para o serviço. (...) Quase não havia espaço no exército para se distanciar. Os blocos de tendas eram terrivelmente lotados nos acampamentos permanentes. Eles forneciam cerca de nove metros quadrados de espaço para viver ou, mais verdadeiramente espaço para dormir, para meros classificadores; e menos ainda do que isso em campos de marcha⁹ (McMULLER, 1984, p. 443-444. Trad. livre do inglês).

⁹ From their first promotion to their discharge, and from the lowest to the highest ranks in their retirement, the men, many or most of them, joined hands in a fraternity that was not dissolved even after death. During active service they called each other by the friendly term 'tentmate,' as in a letter one of them receives from a distant comrade (but the text is fragmentary): "greet...and Elpis, Ju...all the 'contubernales'." They dined as 'contubernales' of common plate, they marched off to their posts as a group, and as such they prepared for battle and fought. Expanded, the term 'contubernalis' comes to mean not only the normal eight men of a barracks-block but whatever group a person was assigned to for service. (...) There was hardly room in the army to stand apart. Barracks-blocks were terribly crowded in the standing camps. They provided about nine square meters of living space, or more truly of sleeping space, for mere rankers, and less than that in marching camps.

Ou seja, a inevitável proximidade dos soldados romanos nos acampamentos militares formava vínculos praticamente indissociáveis: os soldados dormiam juntos uns dos outros no pouco espaço entre as tendas; comiam em espaços comunais; marchavam em grupo; banhavam-se, vestiam-se e equipavam-se uns na presença de outros. Por consequência, chamavam-se, afetuosamente, de “colegas de tenda”, termo que passou a designar algo como “companheiro”. De fato, tudo parece se resumir a **compartilhar**:

Em um estado de espírito saudável, os legionários assumiam um oficial como seu. Ele se tornava um membro de sua fraternidade, embora um membro especial, visto que por um clichê panegírico, ele deixara de lado seu próprio modo de vida mais rico para compartilhar todas as suas dificuldades e até mesmo o rigor de seu treinamento.¹⁰ (McMULLER, 1984, p. 451. Trad. livre do inglês)

Assim, como coloca o autor, mesmo os oficiais responsáveis pelas legiões, a partir do momento que essa ligação era feita, a partir do momento que deixavam de lado quaisquer luxos para dividir o difícil modo de vida dos soldados nos acampamentos, eram recebidos como mais um membro da camaradagem criada entre os soldados.

Nota-se, por conseguinte, que o autor especula que alguns fatores foram essenciais para a formação de uma verdadeira comunidade – uma pequena “sociedade”, como atesta o título do artigo – entre os soldados, principalmente quando estes estavam acampados. Estes seriam os arranjos de sociabilidade ligados à alimentação, treinamento, condições de alimentação, dentre outros. Essa é uma linha de pesquisa bastante interessante, ainda nem de perto explorada em todo o seu potencial¹¹. No entanto, o trabalho desse autor aponta para a direção da formação de verdadeiros laços comunitários. É muito pouco provável que os generais – pelo menos os melhores – não estivessem cientes desse fato. Na verdade, como já apontado, César parece absolutamente consciente do funcionamento enquanto unidade das tropas e parece esperar que sua mensagem seja compreendida pelos seus pares – a grande maioria tendo, também, servido ao exército. Ele parece ciente até mesmo da adoção dos oficiais pelas legiões – e foi capaz de usar essa informação tanto a favor de fazer cessar a desobediência quando de argumentar com seus pares que ela foi fruto da “infecção” dessa camada pelo medo e não sua culpa.

¹⁰ In a healthy state of mind, legionaries took over an officer as their own. He became one of their fraternity, though a special member. By a cliché of panegyric, he laid aside his own richer way of life to share all their hardships, even down to the rigor of their training.

¹¹ No entanto, alguns trabalhos no que concerne a esse tema – ou tangenciais a ele – foram mais recentemente publicados. Ver, por exemplo: HAYNES (1999); HOPE (2003); JAMES (1998).

É interessante retomar, portanto, o que já foi assinalado: que esse forte senso de união foi, ao mesmo tempo, vetor do início e do fim da insubordinação. Ao destacar isso, o general enviou uma importante mensagem: ele seria um homem que conhece suas próprias tropas e é capaz de transformar suas fragilidades – ou elementos que podem fragilizar a relação de subordinação que elas deveriam ter para com ele – em oportunidades para estreitar e robustecer seu comando e sua influência sobre os soldados. Não há muito mais o que uma República em crise possa pedir de um líder militar.

Bibliografia

a. Edição da Fonte:

CAESAR. *The Gallic War*. Trad. H. J. Edwards. Loeb Classical Library 72. Cambridge: Harvard University Press, 1917.

b. Referências bibliográficas:

CHRISSANTHOS, S.G. Caesar and the Mutiny of 47 B.C. In: *The Journal of Roman Studies*, Vol. 91, 63, 2001.

DANDO-COLLINS, Stephen. *Caesar's Legion: the epic saga of Julius Caesar's elite Tenth Legion and the armies of Rome*. 1ed. New York: John Wiley & Sons, 2002.

HAYNES, Ian. Introduction. In: GOLDSWORTHY, A.; HAYNES, Ian. (eds.) *Journal of Roman Archaeology: The Roman army as a community*, nº 34, 1999.

HOPE, Valerie. Trophies and tombstones: Commemorating the Roman soldier. In: *Word Archaeology*, nº 35, v.1, 2003.

JAMES, Simon. The community of soldiers: a major identity and center of power in the Roman Empire. In: BAKER, P. et al (eds). *Proceedings of the eighth annual theoretical roman archeology conference*. Leicester: 1998.

MATEUS, Samuel. *Introdução à Retórica no século XXI*. 1ed. Covilhã: Editora LabCom.IFP, 2018.

McMULLER, Ramsay. The Legion as a Society. In: *Historia – Zeitschrift für Alte Geschichte*. Bd. 33, H. 4, 1984.

PERELMAN, Chaim. *Tratado da Argumentação*. São Paulo: Martins Fontes, 2005

RIGGSBY, Andrew M. *Caesar in Gaul and Rome: war in words*. 1ed. Austin: University of Texas Press, 2006.

ROSENSTEIN, Nathan. *Imperatores Victi: military defeat and aristocratic competition in the middle and late republic*. 1ed. Oxford: University of California Press, 1990.